



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE TEATRO  
LICENCIATURA EM TEATRO**

**CATARINA BRITO COELHO**

**RAÍZES DA INFÂNCIA:  
UMA OFICINA/TRAJETO DA CULTURA DA INFÂNCIA E O ENSINO  
DE TEATRO**

**SALVADOR  
2021**

**CATARINA BRITO COELHO**

**RAÍZES DA INFÂNCIA:  
UMA OFICINA/TRAJETO DA CULTURA DA INFÂNCIA E O ENSINO  
DE TEATRO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de graduação de Licenciatura em Teatro da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção de grau de licenciada em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Alexandra Gouvêa Dumas.

**SALVADOR  
2021**

**CATARINA BRITO COELHO**

**RAÍZES DA INFÂNCIA:  
UMA OFICINA/TRAJETO DA CULTURA DA INFÂNCIA E O ENSINO  
DE TEATRO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Teatro, sob a orientação da Professora Dra. Alexandra Gouvêa Dumas.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021

Alexandra Gouvêa Dumas – Orientadora \_\_\_\_\_  
Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, Brasil e Artes do  
Espetáculo pela Universidade de Paris X, França

Urânia Maia \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fabio Dal Gallo \_\_\_\_\_  
Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, Brasil

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aqui a todos que me ajudaram neste processo começando por minha mãe, Gladys Brito, que, desde sempre, foi uma apoiadora e minha grande inspiração na carreira profissional; em seguida, e não menos importante, a meu pai, Moisés Filho, que me ensinou e me ensina sobre um pouquinho de cada coisa que tem no mundo.

Ao meu amor e companheiro, João Pedro, que esteve nestes semestres me instigando e me dando apoio em minhas pesquisas. Agradeço também a minha grande amiga, Anara Improta, por me ajudar a divulgar a oficina, base para a realização da pesquisa. Ademais, agradeço a Mariana Lima e Brenda Santine por me ajudar a concluir este trabalho.

A todos os profissionais da Escola Municipal da Engomadeira: coordenação, limpeza, professores, as merendeiras, os técnicos, os alunos. Agradeço também a Dudu Oliveira por me fazer entender muitas coisas da vida, por “apertar minha mente” nos momentos devidos e indevidos e por fazer uma sonoplastia tão única. Agradeço à minha amiga, Adrienne Castro, por me fazer entender os mistérios do mundo espiritual e pelo lindo convite que me fez para tocar em sua apresentação final do estágio.

A minha orientadora, Alexandra Dumas, por ter ido prestigiar nossa mostra do estágio e ter tirado fotos tão lindas. A Alexandre Ferreira e Gleiton Guimarães por terem também registrado uma pequena parte de nosso grande processo. Aos meus colegas, amigos e ao professor Fabio Del Gallo da turma de Estágio 3, da Licenciatura em Teatro da UFBA. O meu muito obrigada aos membros da banca avaliadora do meu TCC: Pinduka, Urania Maia e Fábio Dal Gallo.

E, por fim, aos responsáveis, mães e pais dos pequenos e aos meus pequenos grandes e futuros artistas: Amarílis Dias, Graziela Dias, Emanuelle Mascarenhas, Gabriel de Oliveira, Matheus Durval, que me ensinaram muito e que enriqueceram minhas tardes com suas travessuras.

"Nunca deixem de acreditar no teatro" (Durval, 9 anos)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 A RELAÇÃO DO BRINCAR E DA CULTURA DA INFÂNCIA NA ATUALIDADE.....</b>	<b>8</b>
<b>3 CULTURA DA INFÂNCIA E DESCOBERTAS.....</b>	<b>15</b>
3.1 EXPERIÊNCIAS E PRIMEIRO CONTATO COM A CULTURA DA INFÂNCIA.	16
3.2 UM POUCO DE LYDIA HORTELO: MINHA INSPIRAÇÃO.....	19
3.3 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR E SUAS RELAÇÕES COM O TEATRO.....	24
<b>4. RAÍZES DA INFÂNCIA.....</b>	<b>27</b>
4.1 A OFICINA.....	27
4.2 OBJETIVOS.....	28
4.3 O PROCESSO.....	28
4.4 O RESULTADO.....	38
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>45</b>

COELHO, Catarina Brito. 49 f. 2021. Monografia (Graduação) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

## RESUMO

Este trabalho tem como proposta realizar uma abordagem sobre a Cultura da infância, expondo seus conceitos, os aspectos que o circundam e sua interface com o ensino de teatro. A partir das reflexões de Lygia Hortélio percorro alguns breves caminhos a exemplo de uma análise do brincar nos dias de hoje, a relação de lazer e mundo do trabalho, entre outros aspectos. Além da referência de Lygia Hortélio, o termo cultura da infância será abordado de acordo com as experiências docentes que tive no ensino público durante a graduação em Teatro, na UFBA. Por fim, irei expor o resultado de uma oficina realizada na disciplina Pedagogia em Teatro III, realizada na Escola Municipal da Engomadeira, em Salvador- Bahia, quando experimentei o ensino de teatro através de jogos e brincadeiras tradicionais.

**Palavras-Chave:** Criança; Cultura da Infância; Brincadeiras tradicionais; Ensino de Teatro.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito fazer uma análise de uma oficina realizada no componente curricular obrigatório da Licenciatura em Teatro da Universidade Federal da Bahia tendo como aporte metodológico o universo infantil de estudantes de uma escola pública de Salvador. Essa prática pedagógica esteve atrelada ao que a pesquisadora Lydia Hirtélio chama de Cultura da Infância.

Tendo por base as referências da Cultura da Infância e o fazer teatral surgiu a seguinte questão norteadora desta pesquisa: Em que medida a Cultura da Infância pode ser um elemento propulsor no ensino para o ensino do teatro, tendo como objetivo geral: Investigar como as brincadeiras da infância e as músicas tradicionais infantis permeiam o fazer teatral; bem como os objetivos geral e específicos da oficina aplicada (vide item 4.2, pág 28).

No entanto, para análise da oficina, fez-se necessário percorrer alguns caminhos que apresento a seguir. No primeiro capítulo deste trabalho, pretendo apresentar algumas relações do mundo atual, no que se refere ao mundo do trabalho e suas possíveis influências na cultura da infância, através de observações acerca das brincadeiras e jogos praticados por crianças. O recorte no mundo da infância tem como base as minhas vivências e também as minhas práticas pedagógicas como licencianda de Teatro realizadas em escolas públicas durante minha graduação na Licenciatura em Teatro da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Será esclarecido também, de maneira breve, o que eu observo das crianças, seus perfis socioeconômicos, bem como suas influências nas formas de brincar. Quando me refiro a classes sociais, estou, de forma simplificada, me reportando à concentração de renda, aquilo que, de forma mais evidente, percebemos como ricos e pobres; falo de forma generalizada de crianças com pais e mães que têm alto poder aquisitivo, com acesso a diversas possibilidades de compra de brinquedos em contraponto a crianças de baixo poder aquisitivo, o que implica no acesso restrito à compra de brinquedos e no próprio ato e espaço de brincar.

Irei expor, de forma breve, proveniente do meu recorte experiencial de vida, como a relação com o tamanho do espaço, definidor da movimentação, pode interferir nos jeitos e culturas do brincar. Vale ressaltar que a delimitação classes sociais e espaços distintos foram observados de acordo, preferencialmente, com as vivências pessoais, apoiados por apreciação

de fotos, vídeos, documentários e livros que me fizeram ampliar as minhas capacidades críticas.

O presente trabalho teve como metodologia de pesquisa a leitura de livros e artigos que se relacionam com a temática da cultura da infância e do fazer teatral, e tem seus autores sendo a etnomusicóloga e pesquisadora da cultura do brincar Lydia Hortélio (2003/2008) e na parte que se refere ao fazer teatral, Vera Lúcia Bertoni (2004), Maria Eugenia Milet e Paulo Dourado (1998). Para além da pesquisa bibliográfica, foram presentes nesse projeto a pesquisa de campo, a observação participante, oficina de criação, tendo como mecanismo de coleta de dados a entrevista aberta, aplicada às crianças participantes da Oficina.

Por fim, relatarei a vivência que tive na disciplina de Estágio 3, apresentando meus objetivos, metodologias, pesquisas, dificuldades e o que observei e aprendi com tudo isso.

## **2. A RELAÇÃO DO BRINCAR E DA CULTURA DA INFÂNCIA NA ATUALIDADE.**

Vivemos num mundo globalizado, rodeado de tecnologias, de logomarcas, num quantitativo expressivo que tem uma estreita ligação com o momento atual do capitalismo (MICHAELIS, 2021)<sup>1</sup>. Estamos num sistema em que ter é uma condição estimulante para existir, e, assim, boa parte das pessoas se organizam em função de lucros, de investimentos, aquisição e dívidas, mesmo em momentos de lazer.

O sistema econômico vigente tem como principal objetivo lucrar e acumular bens. Para isso, utiliza os meios de produção como forma de alcançar esse propósito. Os meios de produção pertencem à propriedade privada sustentada pelo proletariado, que corresponde aos operários, trabalhadores. Neste sistema, tudo que envolve preços, ofertas, investimentos, distribuição, passa pelos proprietários dos meios de produção que pagam o salário dos trabalhadores.

Na sociedade de consumo, para que grande parte da classe trabalhadora consiga comprar e usufruir de bens materiais e serviços é necessário uma destinação de suas vidas e força voltadas para o trabalho, pois o capitalismo somente pode funcionar quando há meios tecnológicos e sociais para garantir o acúmulo de capital e o consumo. Conseqüentemente, o sistema precisa de mão de obra, pois ele se sustenta em cima de lucros e concentração de renda. As minhas percepções aqui expostas são atravessadas pela classe a que eu pertencço, de

---

<sup>1</sup>Capitalismo: O Capitalismo é um sistema em que predomina a propriedade privada e a busca constante pelo lucro e pela acumulação de capital, que se manifesta na forma de bens e dinheiro. Texto publicado em, 20.. no site Brasil Escola: "O que é Capitalismo?"; Acesso em 04/05/ 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-capitalismo.htm>.



baixo poder aquisitivo, uma classe que é explorada e manipulada por pessoas de poder dentro desse sistema.

Podemos dizer que o sistema é responsável na manutenção de privilégios e que tem na sua natureza não proporcionar mudanças e melhorias efetivas nas condições de vida de pessoas pobres, pois o progresso não é utilizado para melhorar a qualidade de todas as vidas humanas.

O mundo das crianças dialoga diretamente com essa realidade. O capitalismo transforma a infância em lucro, pois, desde cedo é ensinado a algumas crianças, que o consumo e o acúmulo de bens podem proporcionar alegria, bem estar e status social, através do qual as pessoas possam reconhecê-la como indivíduo importante. Essa questão pode ser vista na quantidade de brinquedos acumulados e pouco usados por crianças de alto poder aquisitivo e também desejado por crianças de baixa renda.

As crianças se espelham nos adultos, que por estarem inseridos no sistema estão fadadas a desejar acumular bens de consumo e bens materiais. Elas aprendem com os pais e as mães, que são educados numa cultura consumista, a comprarem e a consumirem produtos que são associados ao ideal de felicidade e de satisfação de seus desejos e necessidades. A publicidade atua de forma bastante intensa nesse contexto.

Há crianças que não possuem meios de obter esses bens, pois suas famílias não possuem recursos financeiros. As crianças são alvo do mercado da publicidade enquanto potenciais consumidores. Pela natureza da idade, elas têm o senso crítico ainda em desenvolvimento. Por conta desses fatores, muitas vezes, têm suas ações, pensamentos e desejos manipulados pela mídia e pelo mercado. A criança, que está inserida nesse sistema está destinada ao hiperconsumismo.

Os autores Tiago Bastos, Flavio Torrecilas e Viviane Dias, no artigo *Uma análise de concepções sobre a criança e a inserção da infância no consumismo* (2013),<sup>2</sup> relatam que a criança, até os sete anos, não possui ainda uma capacidade crítica aprofundada, para analisar os conteúdos que perpassam por ela e por conta disso são mais facilmente manipuladas pelo meio em que vivem.

Achei necessária a reflexão desse assunto, pois considero que, na infância, a criança está em fase de desenvolvimento, podendo explorar e ampliar mais suas capacidades e limites, mas infelizmente observei alguns obstáculos durante meu processo como professora em formação e pesquisadora da infância, que são questões da atualidade relacionadas ao tempo e

---

<sup>2</sup> O texto de Tiago Bastos, Flavio Torrecilas e Viviane Dias citam Jean Piaget e realizam um paralelo entre a infância e o consumismo.

à qualidade do brincar. Dessa forma, exponho o questionamento mobilizador desse trabalho: como a escola se estrutura para isso? Refiro-me aqui ao espaço social e às políticas públicas destinadas ao brincar, às tecnologias e às formas de interação social, à constituição dos brinquedos, ao mercado de consumo, dentre outras coisas.

Considera-se, para mim, de forma equivocada, que as crianças não possuem vontade própria, são frágeis e ingênuas. Nós adultos, tentamos impor nossos valores, a partir de nossa visão de mundo, ou seja, tentamos fazer com que elas pensem dentro de um modelo hegemônico descartando, a autonomia e a própria potencialidade. Mesmo que, em muitas vezes, o intuito seja de protegê-las, essa atitude pode gerar uma relação de objetificação, tornando-as, projeções das necessidades do adulto.

O adulto para tornar a criança um ser em pleno processo de desenvolvimento autônomo e crítico deve dialogar e discutir observando e fazendo-a refletir em suas atitudes e fazendo-a perceber as consequências de seus atos. Penso que se deve, sobretudo, permitir viver e desenvolver a espontaneidade orientada e promover a convivência com outras crianças de forma lúdica, dando espaço e tempo para o brincar. Caso contrário, a autoridade da palavra do adulto irá interferir no pensamento da criança, podendo torná-la mais egocêntrica, estressada, emocionalmente desestabilizada e sem um posicionamento autônomo, analítico e crítico sobre suas ações.

A pesquisadora Izabele Gomes (2012)<sup>3</sup> diz que um país não pode crescer, ser verdadeiramente desenvolvido, justo e saudável se não trata com prioridade, carinho e respeito suas crianças. A devida atenção à infância só será garantida numa sociedade em que não seja o lucro o principal objetivo, e, sim, a vida humana. No Brasil, diante da extrema desigualdade social e econômica, temos crianças de classes sociais pouco favorecidas que vivem em condições completamente adversas para um crescimento saudável. Apesar do dinheiro ser preponderante na afirmação de uma boa qualidade de vida, posso perceber que muitas crianças de famílias ricas também vivem condições onde o brincar, a convivência coletiva, o tempo para o lazer são sacrificados em nome de uma formação antecipada para o trabalho e para um suposto sucesso na vida.

Acredito que o ingresso precoce das crianças no mundo adulto, em função dos apelos da mídia, encurta a infância, e tira delas a possibilidade de um desenvolvimento saudável e criativo. É brincando, de forma individual e coletivamente, que a criança pode desenvolver a

---

<sup>3</sup> Texto publicado, em 2012 no site *AVERDADE*: “*Dia das crianças... A alegria dos capitalistas!*”. Acesso em: 14/02/2020. Disponível em: <https://averdade.org.br/2012/10/dia-das-criancas-alegria-dos-capitalistas/>

sua criatividade e imaginação, elabora conflitos em relação ao mundo, por tocarem, de maneira lúdica e sensível nas questões que ainda não compreendem plenamente.

O fator que surge, a partir do modelo capitalista, são as novas tecnologias e jogos eletrônicos, que vêm se modificando e proporcionando aos usuários uma rede de informação mais rápida. A tecnologia dos celulares, computadores e videogames, foram adentrando na cultura infantil e fez com que grande parte das brincadeiras de crianças brasileiras deixassem de ser presenciais, para serem virtuais. A brincadeira tradicional deu lugar a uma nova “infância virtual”.<sup>4</sup>

Pode-se perceber que ao longo do tempo as tecnologias e *games* ficaram mais avançados. Desse modo, tomaram uma proporção bem maior do que imaginamos. Por conta disso, são realizados estudos e pesquisas variadas que discutem a relação que o jogo eletrônico possui no cotidiano da criança na atualidade.

As opiniões acerca desse tema são diversas, existindo assim pontos prós, contras e neutros. Os pesquisadores que apoiam os jogos eletrônicos para crianças, defendem que os mesmos, podem trazer benefícios e potencializar a concentração, atenção e podem até mesmo auxiliar na aprendizagem dos conteúdos escolares.

Entretanto, alguns estudiosos utilizam de alguns argumentos para apontar possíveis danos que a prática de alguns jogos eletrônicos pode causar. Com relação aos jogos mais violentos, a criança pode vir a desenvolver apatia social, ou até mesmo isolamento. Observamos também uma preocupação desses pesquisadores em relação à saúde física da criança, pois se tornam indivíduos de pouca convivência coletiva e presencial, sedentários o que pode gerar problemas graves de saúde no futuro.

Considero que os jogos eletrônicos, hoje em dia, são utilizados de forma excessiva. Esse novo modelo de brincar faz com que crianças fiquem mais solitárias (presencialmente) e paradas. Ou seja, experimentam menos a movimentação física e assim possuem menos domínio sobre seus movimentos corporais, pois grande parte desses jogos eletrônicos e virtuais requerem que as crianças permaneçam sentadas, paradas. Além disso, elas passam a ter o contato direto e presencial com outras crianças de forma mais reduzida e, conseqüentemente, suas emoções e sensações são menos experienciadas.

Neste sentido para complementar meu posicionamento, transcrevo a fala de, Wamser (2005, p. 11), que afirma:

---

<sup>4</sup> É um termo popular atual, no qual se refere a crianças que fazem uso de tecnologias, com intuito de se divertirem, sejam elas jogando no computador, assistindo vídeos, realizando pesquisas entre outros.

A contemporaneidade nos tem revelado uma infância cada vez mais tecnológica. As crianças desde a mais tenra idade dominam o uso de computadores, aparelhos eletrônicos e celulares. Como consequência disso, para muitos de nossos educandos, o ato de brincar ocorre quase que exclusivamente de modo eletrônico e virtual. Quando essa não é sua.

Realizei, durante a escrita desse trabalho, entrevistas que tinham como objetivo coletar informações de crianças diferentes, com realidades distintas, para que pudessem relatar suas vivências, o que achavam do brincar e de sua cultura.

Uma das primeiras entrevista ocorreu com Marcio Luiz<sup>5</sup>, que possuía, na época, 13 anos que conheci através do seu pai, que é estudante do Bacharelado Interdisciplinar de Artes, da UFBA.

As perguntas foram entorno do que ele entende sobre tecnologia e como isso pode influenciar na cultura da criança e no brincar. A escolha de Marcelo para ser entrevistado passa pela convivência que tenho com ele nos espaços da universidade, pois ele, frequentemente, acompanha seu pai nas ações que este desenvolve como estudante. Marcelo passou por algumas cirurgias cerebrais, pois teve um AVC e por conta de algumas sequelas, tem aulas domiciliares duas vezes na semana, com professoras que ensinam em hospitais. Ele possui muitas dificuldades de aprendizado causadas pela afazia e efeitos das cirurgias que realizou. As aulas domiciliares iniciam sempre com princípios práticos e visuais, sempre voltadas para o lúdico, pois se houver algum estresse, isso pode desencadear uma crise. Logo tudo é pensado para caminhar no tempo dele. O maior objetivo é que no futuro Marcelo consiga realizar atividades de casa, ir na rua, fazer compras, e consiga ser independente. Transcrevo abaixo alguns trechos da nossa conversa.

Ao ser questionado sobre tecnologia (jogos, games, redes sociais, aparelhos eletrônicos de jogos), ele respondeu:

A tecnologia<sup>6</sup> é uma forma de você se distrair e a brincadeira é outra. A minha visão é que a tecnologia substitui a parte de você ter um colega brincando, é uma forma de você ficar sozinho, não falando com o mundo. As brincadeiras, por conta da tecnologia, estão parando de serem formadas... a tecnologia faz a criança aprender coisas que não deviam aprender no tempo errado, e os pais deviam controlar a tecnologia no mundo da criança.

Seguindo com as indagações, perguntei acerca das modificações promovidas pela tecnologia nas brincadeiras atuais e ele respondeu, distinguindo brincadeiras dos jogos de celular:

---

<sup>5</sup> Nome fictício.

<sup>6</sup> A tecnologia nesse sentido está se referindo aos vídeo games, jogos de computador, entre outros modelos de jogos tecnológicos.

Tem uma mudança. A maioria dos jogos hoje em dia são jogos que fazem ela (criança) parar de se conectarem com o mundo e tem outros que fazem se conectar com o mundo de uma forma que você pode conhecer ou não conhecer as pessoas. A minha solução, seria que os jogos, que estão no celular, diminuíssem e as brincadeiras aumentassem.

Percebo, de acordo com minhas vivências e pesquisas, que alguns pais e mães acham melhor deixar seus filhos em casa, com os *games*, do que brincando e explorando alguns espaços fora de casa, pois sentem certa aflição com relação à liberdade da criança diante dos espaços públicos serem considerados violentos. Quando falo de liberdade, estou me referindo a brincar livremente num parque ou numa rua. Essa aflição é decorrente do medo que tem de que algo ruim, perante a violência urbana. Através dessas novas tecnologias os pais e mães podem controlar mais seus filhos e filhas, pois eles permanecem mais em casa, parados, sem muita exposição ao ambiente externo da casa.

Depois de relatar sobre as pesquisas que realizei e meus pontos de vista sobre o sistema, farei um paralelo com o mundo do trabalho. O trabalho, para o sistema em questão, é uma via prioritária para o acúmulo de bens materiais e ele é quem basicamente sustenta o sistema econômico e social baseado no Liberalismo.

Quando falamos de mundo do trabalho, deixamos implícito que estamos nos referindo ao sistema operário, que se origina a partir da produção para obtenção de bens. Esse modelo faz com que o meio se contamine com a ideologia, que irá implicar em toda uma geração. Nota-se que as crianças, há cada dia que passa, estão sendo preparadas logo cedo para serem futuros adultos trabalhadores.

Esse preparo começa em algumas escolas que logo cedo perguntam incessantemente aos pequenos qual será o trabalho ou profissão que eles irão escolher futuramente; influencia também o currículo escolar, as determinações das disciplinas e o projeto pedagógico escolar, o tempo destinado ao brincar desprezioso. No Brasil, há uma rede de escolas públicas, muitas vezes associada a um ensino de menor qualidade em relação a escolas da rede privada.

Durante o tempo em que estudei na escola particular e estagiei nas escolas públicas de Salvador, notei que havia uma redução de tempo das brincadeiras, e isso foi observado tanto dentro das escolas quanto fora delas. O intervalo, por exemplo, pela norma escolar tradicional, de acordo com a Lei 5.692/71 “faz parte da atividade educativa”, seria o tempo em que os alunos poderiam se relacionar e expressar sua criatividade. Entretanto, esse tempo muitas vezes é reduzido ou acontece em espaços não adequados que possibilitem o brincar de forma mais expansiva.

Segundo o Parecer número 261/2006 do Conselho Nacional de Educação, em relação ao recreio escolar diz “[...] exageros não são admissíveis, sendo razoável que se adote como

referência o limite de um sexto das atividades (10 minutos para 60, ou 20 para 120, ou 30 para 180, por exemplo)”.<sup>7</sup>

Em minhas experiências pedagógica, normalmente o recreio possuía 30 minutos, o que particularmente acho muito pouco, para quem permanece na escola 4 horas. Já foi comprovado que as crianças somente conseguem absorver conhecimento durante um determinado período de tempo e precisam descansar a mente para conseguirem compreender assuntos e atividades pedagógicas.

Sobre as aulas destinadas às artes, percebo que esse componente curricular é desvalorizado e subjugado, seja no tempo e nos espaços a ele destinados e nas atividades que se espera que nessas aulas sejam realizadas.

Nas escolas onde trabalhei a matéria artística, tanto plástica quanto teatral, era algo feito para que o aluno(a) se encaixasse num padrão previamente determinado, e não possuía meios de expressão plenos. A falta de atenção escolar e recursos governamentais tornavam a aplicação das atividades bem mais difícil.

Observei que os interesses e necessidades artísticas estéticas da criança não são compreendidos, pois além de terem suas ações adaptadas a regras que o meio social impõe, em relação aos seus sentimentos e ações, nota-se que o método mais explorado para que crianças expressem seus sentimentos e vivências individuais é pela expressão oral ou escrita e menos com movimentação e expressão corporal. Tal constatação me remete ao que a pesquisadora Lydia Hortélio diz: “o brinquedo não é para nada, é só para ser feliz”.<sup>7</sup>

Podemos constatar que, quando a espontaneidade da criança no fazer artístico é privada, há um bloqueio da ação criativa e isso restringe o modo de manifestação artística. Por esse motivo a criança pequena possui mais capacidade de exteriorizar espontaneamente os aspectos de suas vivências, que utiliza meios artísticos que são ofertados a ela, como pintar, modelar, cantar, brincar de “faz-de-conta”, ou jogo simbólico.

No caso de crianças com um alto poder aquisitivo, em geral, se pode perceber que os momentos vagos são destinados a aulas extras, jogos relacionados ao mundo do trabalho, aprendizado de línguas, dentre outras coisas. Em relação a crianças que estão em classes mais baixas, em muitas situações, elas deixam de brincar e até mesmo de estudar para conseguir um sustento para sua família. Na ainda curta experiência como professora, presenciei alguns alunos que muitas vezes não compareciam à escola por precisar ajudar a mãe na feira ou

---

<sup>7</sup> Acesso em: 09/10/2019 Disponível em: <https://territoriobrinhar.com.br/nossas-reportagens/para-sempre-menina-lydia-hortelio/>

vender bala na rua para ter o que comer no outro dia. As condições sociais e econômicas interferem nas culturas do brincar.

O tempo da brincadeira está sendo reduzido, por conta disso. As crianças ficam reprimidas e limitadas na espontaneidade do brincar. Nesse sistema, não é comum observar brincadeiras na qual a criança pode se expressar livremente e brincar de forma espontânea, de acordo com suas capacidades, ações, limites e imaginação.

Um dos motivos pelos quais a sociedade consumista rejeita a brincadeira tradicional é porque há a frágil ideia de que brincar não acrescenta nada à sociedade. “O jogo tradicional infantil é um tipo de jogo livre, espontâneo no qual a criança brinca pelo prazer de fazer”<sup>8</sup>. A brincadeira é considerada oposta ao trabalho, pois quando brincamos não ganhamos dividendos.

Para que não troquemos o trabalho pela brincadeira, são utilizados alguns artifícios: um deles é influenciar e induzir a sociedade para que ela sinta a necessidade de possuir bens materiais; outro meio é manipular a sociedade e fazer com que ela critique quem não segue os padrões seja de comportamento, moda, etc.

As observações apontadas até então não são afirmações essencialistas, mas apenas percepções realizadas com base nas minhas pesquisas e experiências na cidade de Salvador e às crianças com quem tive contato a partir da minha trajetória de formação como professora de teatro.

### **3 CULTURA DA INFÂNCIA E DESCOBERTAS**

Neste segundo capítulo, relatarei de forma sucinta as brincadeiras tradicionais e a cultura da infância. Alguns relatos serão inspirados em minhas experiências e em entrevistas realizadas com crianças, com as quais trabalhei, além de relatos de conhecedores da cultura da criança. Usar como metodologia a entrevista com crianças é uma tentativa de estabelecer uma coerência com as críticas aqui expostas no que tange ao pensamento hegemônico, que considera a criança como uma projeção do adulto e não como um ser ontológico e pleno em seu estado de vida.

Antes de categorizar as brincadeiras e relatar sobre a cultura da infância, gostaria de expor um pouco mais sobre a minha opinião do que é a criança. Na minha visão de adulta

---

<sup>8</sup> Acesso em 03/09/2019 Disponível em:

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/brincadeiras-tradicionais-infantis-e-o-seu-papel-na-formacao-da-cidadania/25518#:~:text=O%20jogo%20tradicional%20infantil%20%C3%A9,brinca%20pelo%20prazer%20de%20fazer.&text=A%20crian%C3%A7a%20se%20habilita%2C%20na,de%20interagir%20com%20o%20meio.>

brincante – que já foi e é ainda uma eterna criança – a criança é o portal no qual podemos nos conectar com diversas faces de nós mesmos, é onde podemos explorar e imaginar.

Realizei durante o processo de estágio algumas entrevistas, nas quais perguntava às crianças o que era para elas, de acordo com as suas vivências, ser criança. Gostaria de expor aqui a fala de nossos protagonistas.

Pergunta: O que é brincar, pra você?

Matheus Durval: ... Legal! Brincar, divertir, jogar bola, jogar “bumerangue”... brincar de praia, viajar.

Pergunta: E essa brincadeira que você inventou agora, você viu em algum lugar?

Matheus Durval: Não eu criei sozinho!

Matheus criou uma brincadeira nova. Com um galho de árvore ele arremessava até acertar no seu alvo, que era uma garrafinha de refrigerante. Depois de se divertir, perguntei a ele o nome de sua brincadeira e ele se apropriou do nome de um objeto que já existe, o bumerangue, para batizar sua nova criação.

Realizei também uma entrevista com um menino que mora na zona rural, e o que ele achava das brincadeiras:

Pergunta: Você acha que é importante brincar?

Natanael: Acho!

Pergunta: Porque?

Natanael: Porque se as crianças “ficar” sem brincar elas não vão viver a vida... e quando eles crescerem não vai dar mais tempo deles “brincar”.

Pergunta: Mas não pode brincar quando for adulto não?

Natanael: Não

Pergunta: Mas porque você acha que não pode brincar quando for adulto?

Natanael: Porque tem que fazer as coisas da criança, tem que cuidar da família...

Na visão de Natanael, que possuía apenas 8 anos na época da entrevista, achava que, depois de adulto a pessoa teria que arcar com responsabilidades. No cotidiano, ele observava o pai e a mãe trabalhando, nunca brincando ou se divertindo. Por isso, ele acredita que as crianças devem brincar para aproveitar a vida, antes que se tornem adultos e não possam mais brincar como antes.

### **3.1 EXPERIÊNCIAS E PRIMEIRO CONTATO COM A CULTURA DA INFÂNCIA**

Queria expor brevemente um relato de meu primeiro contato com a cultura da infância. Foi no ano de 2017 e estava no terceiro semestre da faculdade de Licenciatura em

---

<sup>9</sup> Bumerangue foi uma brincadeira criada naquele momento pelas crianças no pátio da escola. O objeto ao qual a criança se refere é um galho de árvore que achou parecido com o objeto bumerangue.



Teatro (UFBA), quando fui chamada para ser bolsista PIBID<sup>10</sup> na Escola Municipal Itapuã Abaeté, situada em Itapuã, na cidade de Salvador-Bahia. A escola não possuía uma boa infraestrutura e durante a época em que estagiei lá observei diversos problemas. Um dos que mais observava era a falta de sensibilidade dos funcionários para os alunos e a agressividade por parte das crianças.

Durante o período de estágio tínhamos que realizar leituras, reuniões, planos de aula e projetos. Em um dos projetos a nossa preceptora<sup>11</sup>, Luciana Balbino, propôs falarmos da cultura da criança e fazermos uma apresentação, no fim do ano, sobre a manifestação popular pesquisada por Lydia Hortélio, que se chama “Presépio” ou “Baile de Deus Menino”.

Lembro que, no primeiro semestre, foi complicado realizar as aulas, mas decidi pesquisar mais sobre a cultura da criança e desenvolvi, a partir dessas dificuldades, algumas metodologias, para que os alunos pudessem potencializar suas relações interclasse e o afeto entre eles.

O primeiro projeto, ou *plano de ação*, como era denominado pelo programa, consistia em aproximar as crianças da cultura da infância, através de acervos de brincadeiras, jogos, contos, músicas, rimas, sons ritmados, movimentos e canções tradicionais da infância marcadas pela identidade dos que estavam participando do projeto. As crianças iriam nos ensinar a sua cultura, fosse pelas linguagens, canções, brincadeiras, brinquedos e nos artefatos construído ou representados pela simbologia de seu tempo.

O projeto tinha como objetivo geral fazer com que as crianças interpretassem cenicamente as brincadeiras, brinquedos, jogos, contos, sons, músicas da cultura da infância do bairro de Itapuã.

Como objetivos específicos, deveria fazer um levantamento, juntamente com as crianças e pais sobre as músicas, histórias e brincadeiras vivenciadas pela comunidade; realizar uma dramaturgia elaborada com base nas brincadeiras e brinquedos, contos e canções a partir das memórias das crianças e experiências dos familiares, que vivem no bairro; realizar coletivamente com os estagiários, uma reflexão sobre a importância do brincar e de como construir alternativas para a demanda que as crianças possuem; criar oficinas de brinquedos e brincadeiras, envolvendo os pais e as crianças, a fim de promover a afetividade, socialização,

---

<sup>10</sup> PIBID é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência. Tem como objetivo oferecer bolsas de docência para estudantes de cursos presenciais, que se dediquem ao estágio nas escolas públicas. Criado pelo Decreto n.º 7.219/2010 e regulamentado pela Portaria 096/2013, visa principalmente, a valorização do magistério.

<sup>11</sup> A preceptora era a professora de teatro da escola e também era vice diretora. Ela realizava orientações, observava nossas aulas, analisava nossos planos de aula, sugeria leituras e vídeos para contribuir com nosso arcabouço teórico.

criação e convivência; além de promover a socialização e o respeito mútuo entre as crianças através do brincar.

Na primeira apresentação realizamos um mural expositivo, no qual as crianças confeccionaram alguns brinquedos tradicionais como pião, estica e puxa<sup>12</sup>, bilboquê<sup>13</sup> entre outros, somente utilizando materiais reciclados.

Imagem 1: Apresentação do mural de brinquedos tradicionais com alunos do primeiro ano Escola Municipal



Fonte: Luciana Balbino

No fim do semestre, em novembro, realizamos a apresentação do Presépio ou Baile de Deus Menino, inspirado na pesquisa de Lydia Hortélio. A apresentação contou a história do nascimento de Jesus, em que as crianças são protagonistas e estão envolvidas na história, do início ao fim.

Depois de realizar a apresentação, percebi o quão importante foi para as crianças e a comunidade essa realização. Além do apoio e parceria da comunidade para essa realização, as

<sup>12</sup> Conhecido por “estica e puxa” ou “vai e vem”, esse brinquedo é formado por duas linhas e ao meio dessas linhas, possui um objeto. Os participantes devem segurar uma das pontas, (um ficando de rente para o outro) que ao segurar e puxar a linha abrindo os braços o objeto irá se movimentar em direção ao outro jogador. O objetivo do jogo é fazer com que o objeto se movimente de acordo com o movimento dos jogadores.

<sup>13</sup> É um brinquedo antigo que possui uma pequena esfera que se encaixa num suporte, esse brinquedo possui o objetivo de colocar a bolinha que está presa por uma linha, dentro desse suporte.

relações interpessoais das crianças, desde o início de nossos trabalhos na escola, não foram mais as mesmas e se modificaram bastante. Com essa experiência percebi que o teatro pode modificar as relações e formar indivíduos mais sensíveis a si e ao outro.

Imagem 2: Apresentação do Presépio com alunos do primeiro ano, interpretando os carneirinhos.



Fonte: Acervo pessoal.

### **3.2 UM POUCO DE LYDIA HORTÉLIO: MINHA INSPIRAÇÃO**

A partir dessa primeira experiência, resolvi me dedicar a pesquisar a cultura da infância e de que forma ela pode se conectar com o teatro. Uma de minhas inspirações foi a pesquisadora e etnomusicóloga Lydia Hortélio, que dedicou mais de 60 anos a estudar a cultura da infância, músicas tradicionais e brincadeiras populares.

Apresento a seguir um pequeno resumo sobre a pesquisadora e como suas pesquisas puderam me orientar e inspirar durante minhas experiências como professora de teatro, estudante acadêmica e brincante.

Lydia Maria Hortélio Cordeiro de Almeida nasceu em Salvador (BA), no ano de 1932. Foi criada em Serrinha, no sertão da Bahia, onde cresceu e se descobriu um ser brincante, que canta, dança, brinca de roda, compõe versos e descobre em si varias maneiras de ser livre.

Quando pequena, teve influência de sua mãe para estudar o piano. Um de seus presentes foi um piano, no qual passou anos de sua vida tocando. A menina também, na infância, além de se dedicar aos estudos com a música, também dedicava parte de seu tempo para brincar e viver sua infância.

Dedicada ao instrumento musical e à voz, Hortélio se formou em piano e canto orfeônico, pela Escola Normal de Música da Bahia, aos 19 anos. Voltou para Serrinha e lá disseminou seu conhecimento sobre música. Na década de 60, depois de passar pelo Rio de Janeiro e São Paulo, ela dá segmento aos seus estudos de música na Escola Superior de Música de Freiburg, na Alemanha.

A partir desse momento, a pesquisadora começou a explorar suas idas e vindas da Alemanha para o Brasil e vice versa. Além da Alemanha, ela estudou e viveu na Suíça. Essas experiências foram de grande importância para que ela pudesse se aprofundar na música e na cultura brasileira, que tem sua base na cultura tradicional da infância.

Durante uma aula com o professor alemão Sándor Végh, um etnomusicólogo que era considerado um dos mais importantes compositores nacionalistas da Hungria, Lydia começou a se questionar sobre seu vocabulário musical. Decidiu voltar para Serrinha e se dedicou a procurar as canções tradicionais da zona rural do município.

Na Suíça, em uma de suas aulas, o professor Sandor Végh pediu para que os alunos levassem canções que escutavam e cantavam na infância, até que em um momento Lydia foi questionada: “E como é que brinca?”. Nesse momento ela pensou no movimento que o poder da infância poderia trazer. É a partir de uma música, de um ritmo da palavra, que a criança brinca.

Seu foco inicial foram as bandas de gaita, ou também conhecidas como bandas de pífano, dependendo da região. Seu aprofundamento levou-a novamente para a Europa, onde foi estudar etnomusicologia, que basicamente mesclava a musicologia e a antropologia.

Segundo Hortélio, para ter o brinquedo, é preciso que haja o movimento, a palavra, a melodia e o outro. “São os quatro pilares indispensáveis e inseparáveis, para que ocorra a brincadeira.” (HORTÉLIO, p. 22).

A etnomusicóloga, ao observar as crianças brincando, com suas cantigas e seus movimentos, ouvia a si mesma. Ela conhecia a música brasileira desde a sua infância e reconheceu, quando adulta, como parte dela mesma que a música era a sua língua. Lydia fora ouvir as crianças do Brasil, foi saber como elas brincavam e deixou com que a cultura da infância a levasse para descobrir o ser brincante.

Há mais de 50 anos que Lydia Hortélio pesquisa a música tradicional de Serrinha e de outras regiões do Brasil. Realizou um extenso repertório, contendo mais de 600 cantigas. Além das músicas tinha também os brinquedos que ela os fotografava, anotava, filmava e gravava. É considerada um dos nomes mais importantes, no que se refere a pesquisa da

cultura da infância. Além de grande educadora, também aprendeu a conhecer, escutar, observar o ser criança.

No começo de suas pesquisas nas músicas tradicionais, decidiu pesquisar sobre as músicas de gaita de sua terra. Pretendia realizar um material sobre as Bandas de Gaita, para que esse aprendizado pudesse ser implantado nas escolas. Por conta de sua busca, escreveu um projeto que possuía a metodologia da observação e repetição, sem o uso da notação musical, que tinha em comum com o aprendizado dos músicos da Grota Funda, comunidade rural de Serrinha, na Bahia. Infelizmente o projeto não fora contemplado.

Juntamente com a pesquisa das bandas de gaita, ela também pesquisou uma tradição popular, que ocorria todos os anos, na região da Grota Funda, denominada Presépio ou Baile de Deus menino. Era uma tradição na qual as crianças interpretavam cantavam canções e loas e narravam a história do nascimento de Jesus.

Em suas pesquisas e entrevistas, ela cita a revolução da criança, que se refere a um tempo, no qual o ser humano, terá o poder de se equilibrar, plenamente, como o ser humano ainda novo, como gosta de denominar as crianças. Lydia observa na infância, o que a maioria das pessoas não vê, ela se interessa por algo que a maioria das pessoas descarta. Ela vê no mundo da criança algo novo, que está em constante mudança e aprendizado, esse mundo novo será nosso próximo passo a evolução.<sup>14</sup> Estamos diante da revolução que falta, que é a revolução da criança” (HORTÉLIO, p.32)

Já que estamos falando sobre cultura da infância, trarei aqui um dos conceitos que considero mais simples e objetivo, descrito por Lydia numa publicação de 2002, no jornal *Tema livre*, que vai denominar o que é cultura da infância.

A descoberta e os aprendizados é que fazem os *meninos do mundo* entre eles mesmos, desde sempre, constituem o que podemos chamar a *cultura da criança*, ou seja: o acervo das experiências em plenitude e liberdade do *ser humano ainda novo*. (HORTÉLIO, 2002, p.3)

A criança só vive a cultura da infância quando brinca, e é brincando que elas aprendem a lidar com as frustrações, a explorar os limites. A brincadeira para a criança é algo que ela faz imersa, séria e inteira. Quando falo brincadeira estou me referindo à exploração de

---

<sup>14</sup> Ocupação Lydia Hortélio: “A mostra é um convite para percorrer e recordar as singularidades, belezas e unanimidades que integram o humano”(Instituto Alana)

espaço, objetos, corpo, palavra, som, que está relacionado também às brincadeiras tradicionais.<sup>15</sup>

As crianças, tão próximas da vida como são, existem em inteireza: sentimento/pensamento/ação são, com elas, uma única e só coisa, e acontece instantaneamente. A economia dessas três dimensões da vida humana é perfeita quando se é criança. É preciso não perde-la. (HORTÉLIO, 2002, p. 3)

Ao brincar, a criança realiza um movimento autônomo; nenhuma criança brinca sem querer brincar. Ao brincar, ela está obedecendo seus impulsos internos, está fazendo o que deseja e, portanto, está livre para escolher onde, quando e com quem quer brincar. Ela equilibra-se num “círculo”: eu, o outro, a natureza, o universo.

Nesse mesmo texto, Lydia também expressa a sua grande preocupação com a natureza, em relação à degradação ambiental, extinção de animais e florestas. Ela acredita que a criança possui a necessidade de estar na natureza, pois somente nela o *indivíduo ainda novo* pode inaugurar seus talentos e desenvolver um movimento próprio. A natureza é o espaço natural da criança e é nesse espaço que ela busca seu crescimento e afirmação da vida.

A natureza exerce em nós um poder propulsor e somente entrando em contato com a mesma, podemos senti-la. Devemos agir de forma saudável e segura na natureza, para que as próximas gerações possam continuar existindo e fazendo o seu papel potente na vida das crianças. O homem/mulher novo/a se formará a partir da criança liberta, que sonha e brinca na natureza, consigo e com o outro.

Deixemos nossas crianças livres em seu espaço natural, elas precisam desse contato com seu habitat. Começemos a dar a devida atenção para suas brincadeiras. Que a cada dia possamos aprender mais com suas brincadeiras e suas mais diversas expressões em plenitude do ser. “A cultura da criança se faz brincando. Brincar é o que ela mais sabe, mais pode e mais quer.” (HORTÉLIO, 2002, p.3)

Em *Mitã*, um documentário realizado por Alexandre Basso e Lia Mattos, Hortélio fala do que é o brinquedo.

Cada brinquedo tem outras palavras, outro ritmo, outra linguagem de movimento, e então da conexão, palavra, música, movimento, o outro, os outros, então essas coisas imbricadas formam aquele brinquedo que tem um geometria própria [...]. (MITÃ, 2013)

Foi relatado anteriormente que a etnomusicóloga, Lydia Hortélio, teve um grande papel nas pesquisas com relação ao estudo da cultura da criança. Para ela os brinquedos não

---

<sup>15</sup> São aquelas brincadeiras nas quais a criança brinca livremente, seja com objetos, músicas, cantigas, criando suas próprias regras, explorando seus limites e testando suas habilidades.

são somente brinquedos físicos, mas também brinquedos cantados, que possuem musicalidade, gestos e sons.<sup>16</sup> O brinquedo é a palavra, o texto literário; é a música, o movimento; é o drama e o outro, o companheiro de brinquedo. E isso é um todo indivisível.

Lydia, em uma de suas entrevistas, é perguntada, o que é necessário para brincar, ou aprender a brincar, e fala que, para brincar é preciso não querer brincar. Ela acredita que o brincar é um movimento que vem de dentro para fora, que possui uma entrega total de quem brinca. Esse pensamento coaduna com o que Johan Huizinga apresenta na sua clássica obra *Homo Ludens* (1939) ao falar de jogo. Para ele: “o jogo é uma atividade voluntária.” Continua afirmando que: “o jogo lança sobre nós um feitiço: é ‘fascinante’, ‘cativante’. Está cheio das duas qualidades mais nobres que somos capazes de ver nas coisas: o ritmo e a harmonia.” (HUIZINGA, 1996, p. 13).

Existem diversos tipos de brinquedos e brincadeira pelo mundo. Seria quase impossível classificá-las uma a uma, mas pelas minhas pesquisas e vivências realizei algumas anotações dos tipos de brincadeiras, jogos e brinquedos.

No aspecto social, os brinquedos podem ser classificados como instrumentos que envolvem mais de dois participantes, onde os mesmos devem seguir determinadas regras e combinados preestabelecidos, para sua execução. (BARROS, s.d., s.p.).<sup>17</sup>

Existem os brinquedos sonoros como as cantigas de roda e as rodas de verso. Que são basicamente, músicas cantadas numa roda, e nessa brincadeira podem ser realizados movimentos diversos que incluem ou não versos improvisados pelos brincantes<sup>18</sup>.

[...] existem os brinquedos da adolescência, que têm determinadas características. Depois os brinquedos cantados, nos quais a melodia é mais forte. Depois os brinquedos mais ritmados, em que o ritmo e o corpo têm uma expressão maior. Depois as parlendas, mais para as nuances da fala, as cantilenas, que caminham mais para as nuances da voz, mas ainda não são cantigas, depois as cantigas. Procuro também colocar em blocos os brincos, que são os brinquedos dos meninos pequenos, que precisam da ajuda de um adulto. (HORTÉLIO),<sup>19</sup>

<sup>16</sup> Entrevista para o instituto tear: Pontão de cultura e educação, realizada por Neae. Acesso em 15/10/2019. Disponível em: <https://institutotear.org.br/lydia-hortelio-e-a-brincadeira-musicada/>

<sup>17</sup> Entrevista Classificação dos brinquedos. Acesso em: 13/10/2019 Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/sugestoes-pais-professores/classificacao-dos-brinquedos.htm>

<sup>18</sup> Nesse caso, me refiro a brincante, sendo pessoa que brinca e canta.

<sup>19</sup> Entrevista Classificação dos brinquedos. Acesso em: 13/10/2019 Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/sugestoes-pais-professores/classificacao-dos-brinquedos.htm>

Os objetos-brinquedos,<sup>20</sup> possuem uma grande variedade: podem ser de fábrica, realizados e criados por artesãos ou pela própria criança, pode ser feito com materiais recicláveis ou não. Temos nessa categoria os piões, bolinhas de gude, pipa, jogos de carta, quebra cabeça, corda e elástico<sup>21</sup>, jogos de tabuleiro, bonecos, bola, entre outras diversas variedades.

Brinquedos ativos, são aqueles que utilizam das habilidades corporais para se divertir, como pular, correr, dar cambalhota, subir, se equilibrar. Esse brinquedo está interligado a atividades motoras. Existem também os brinquedos que exploram as habilidades como por exemplo acertar a bola em um espaço determinado, equilíbrio de objetos, montar quebra cabeças e memorização.

Alguns podem achar que o jogo e a brincadeira são sinônimos ou até mesmo pensar que o jogo possui regras e a brincadeira não, mas percebi com minhas pesquisas que toda brincadeira possui regras, que devem ser cumpridas, assim como nos jogos, mas são realizadas livremente.

O jogo pressupõe uma regra, o brinquedo é um objeto manipulável e a brincadeira, nada mais que o ato de brincar com o brinquedo ou mesmo com o jogo... [...]. Percebe-se, pois que o jogo, brinquedo e a brincadeira têm conceitos distintos, todavia estão imbricados ao passo que o lúdico abarca todos eles. (MIRANDA, 2001, p.30)

### **3.3 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR E SUAS RELAÇÕES COM O TEATRO**

O brincar possui o papel de transferir a cultura e a experiência de uma criança para outra. No brincar de uma criança, os conhecimentos do brinquedo, seja ele cantado, ou um brinquedo físico, se passam de geração para geração. Os mais novos aprendem com os mais velhos e ambos podem modificar sua forma de brincar.

Pode ser considerado como uma forma de comunicação. Pelas brincadeiras, as crianças buscam desenvolver, no brincar, o seu dia a dia, realizando dramatizações que possam imitar o mundo que observam ou jogando, criando. O desenvolvimento da criança está diretamente relacionado às suas brincadeiras, pois assim ela adquire habilidades nos meios sociais, intelectuais, criativos e físicos.

---

<sup>20</sup> Denominado por Lydía, são aqueles brinquedos no qual podem ser fabricados pelos “fazedores de brinquedo” ou inventado por crianças.

<sup>21</sup> Objetos que podem ser utilizados como brinquedo. Em relação a corda e ao elástico, as crianças se divertem pulando, nessa brincadeira pode-se ter ou não músicas.



Podemos notar que os jogos e brincadeiras fazem com que as crianças construam o seu próprio conhecimento, pois proporcionam vivências de situações-problemas, a partir de jogos planejados ou livres.

Nas etapas de desenvolvimento da criança, há um período denominado de sensório-motor, no qual se observa em crianças até 2 anos, a organização de movimentos nos aspectos motores, intelectuais e afetivos. É uma etapa importante que deve ser observada, pois pode ser considerada bastante complexa.

[...] a criança desenvolve a tendência à assimilação dos objetos por meio da ação, ao mesmo tempo em que acomoda a sua ação a esses objetos. O equilíbrio estável entre os mecanismos de assimilação e acomodação atesta a chamada adaptação inteligente - processo dinâmico desenvolvido em dois sentidos complementares: a imitação e o jogo. (CI, 2004, p. 2)<sup>22</sup>

Com o passar do tempo, a criança vai diversificando suas formas de brincar, colocando regras para novos obstáculos. No livro *Brincadeira e conhecimento: do faz-de-conta a representação teatral* (2004), Vera Lúcia Bertoni afirma:

Os jogos de exercícios podem desencadear, também, jogos de regras, ou até mesmo, adaptações reais ligadas á inteligência prática - dentre elas as noções fundamentais de tamanho, de peso e de equilíbrio, a discriminação de formas e cores, a classificação e a seriação- ultrapassando, assim, as fronteiras do jogo e possibilitando importantes aquisições para o desenvolvimento intelectual do indivíduo.” (BERTONI, 2004, p.72)

Nesse livro, ela mostra a fase da vida de crianças e apresenta suas brincadeiras e a relação que possuem com o teatro. Ela cita diversas vezes os estudos e textos de Sandra Chacra e Jean Piaget e suas associações do brincar em relação as fases da vida da criança.

Chacra (1991) faz uma contribuição a área de teatro, na qual realiza um trabalho intitulado “*Natureza e sentido da improvisação teatral*”. Nesse livro, ela colabora para o estudo com relação a improvisação teatral, teatro- educação e psicodrama.

Uma das características fundamentais do impulso dramático é a imitação. O homem primitivo, assim como as crianças, são imitadores do mundo que os cerca. Imitar tem pra eles um sentido magico permitindo a entrada tanto no mundo real como no fantástico ou imaginário. (CHACRA, 1991, p.49)

---

<sup>22</sup> Artigo: “Atividade simbólica na infância e abordagens do teatro no meio escolar: Convergências e incompatibilidades.”

Sandra Chacra, detecta muito cedo na criança sinais do jogo simbólico, comparado com o “faz-de-conta”. Ela acredita que é a partir do “faz-de-conta” que a criança encontra um equilíbrio afetivo e intelectual na medida que ela se adapta ao mundo do adulto. A criança, segundo ela, é um ser sensível que tem a capacidade de se expressar de todas as formas possíveis.

A imitação mais simples de início passa para uma mais complexa, através do jogo simbólico, ou do ritual primitivo, onde a reprodução da coisa imitada terá o caráter e o prazer do processo simbólico. Imitar já não é um simples ato mecânico ou condicionado. Trata-se agora de criar, reproduzir, inventar. (CHACRA, 1991, p. 50)

Em relação aos brinquedos, eles vão se modificando com relação à idade de uma criança. Quando a criança é bem pequena, com um ano ela vai descobrindo o movimento das mãos e começa a usá-las como um brinquedo, quando aprende a andar possui outras necessidades, como por exemplo correr, se esconder, pular, entre outras movimentações.

Em seus relatos, Bertoni afirma que logo no início da vida, a criança aos poucos começa a criar os chamados jogos simbólicos, ou “faz-de-conta”, e a partir daí podemos observar o surgimento das primeiras formas de fazer teatral. Ao imitar, podemos perceber que a criança representa, pois ela torna uma imagem real em simbólica, ou seja, transforma o que ela observa em símbolos, que são reconhecidos e representados por ela.

A partir dos jogos simbólicos, observa-se uma capacidade de imitação dos modelos da vida real, que com o passar do tempo vão evoluindo para cenas, que aos poucos vão se aperfeiçoando, nessas cenas podem vir a ser acrescentadas, na estética, figurinos, maquiagens ou objetos.

Sarmiento (s.d., p. 2) em sua obra, *Imaginário e culturas da infância* afirma que:

O Imaginário infantil é concebido com a expressão de um *déficit* - as crianças imaginam o mundo porque carecem de um pensamento objetivo ou Porque estão imperfeitamente formados seus laços racionais com a realidade. Esta ideia de *déficit* é inerte a negatividade na definição de criança [...].

Quando falamos de criança, uma das coisas que se conecta quando pensamos nelas é a imaginação. E se tratando de imaginação, o filósofo Gaston Bachelard (1998, p. 201), afirma que imaginar é uma forma de nos libertarmos, ou seja, na linguagem dele, “mudar de imagens”, ou melhor dizendo, “formar imagem que ultrapassem a realidade que cantam a realidade”.

É preciso empenhar-se em ouvi-las. (...) A imaginação é um sonoplasta, deve amplificar ou abafar. Depois que a imaginação se torna senhora das correspondências dinâmicas, as imagens falam realmente. (Bachelard, 1998, p. 201)

Piaget em seu livro *A noção de tempo na criança* (1946) relata que os jogos<sup>23</sup> vão aparecendo de forma tardia. Esses jogos atestam o declínio do jogo simbólico, pois a criança entendendo o mundo real deixa de praticar atividades simbólicas.

O período pré-operatório, segundo teorias desenvolvidas por Piaget<sup>24</sup>, é a fase do desenvolvimento cognitivo no qual a criança passa entre os dois a sete anos. É o período no qual se surge a linguagem, a função simbólica,<sup>25</sup> a identidade, que faz ela se conectar e se identificar com si mesma e com as pessoas em seu redor, também surge a capacidade de se colocar no lugar do outro.

Quando aparecem os jogos simbólicos no período pré-operatório, observa-se que os esquemas verbais começam a desempenhar funções representativas e de linguagem. Nessa etapa a linguagem é extremamente importante para a comunicação e as narrativas que podem, ou não vir a transmitir uma visão geral ou individual.

A criança possui uma grande facilidade de pensar, utilizando as imagens. Ela pode relacionar um objeto a várias realidades, devido a essas imagens criadas, que atuam como significantes.<sup>26</sup>

Devido a essas pesquisas, considero que a criança, por estar imersa no “faz-de-conta”, acaba por imitar, criar e representar. Com isso pode-se afirmar que desde pequena realizam práticas de noções teatrais, mesmo não tendo auxílio de um/a professor/a. Juntamente com os jogos simbólicos, podemos também dizer que as crianças preparam suas próprias brincadeiras, se dedicam para criá-las e brincá-las.

## **4. RAÍZES DA INFÂNCIA**

### **4.1 A OFICINA**

O processo da disciplina de Prática de Estágio em Pedagogia do Teatro III (ou simplesmente Estágio 3) resultou na mostra dos alunos da Escola Municipal da Engomadeira, no Teatro Martins Gonçalves, equipamento cultural e espacial pertencente à Escola de Teatro da UFBA. Irei expor a seguir os objetivos, metodologias, a estrutura da escola, o perfil dos alunos que entraram na turma de teatro, minhas metas, como foram as aulas, o meu processo de criação textual e minhas dificuldades.

---

<sup>23</sup> Aqui, o autor está se referindo aos “Jogos de regra”

<sup>24</sup> Livro “*A noção de tempo na criança*” 1946

<sup>25</sup> A criança utiliza de símbolos para poder representar, pessoas, animais, objetos, lugares, entre outras representações.

<sup>26</sup> Em sua teoria Jean Piaget (1946) relata que a função simbólica possibilita diferenciar o significativo do significado. A função simbólica faz com que a criança possa representar os objetos ou acontecimentos.

## 4.2 OBJETIVOS

O objetivo geral da oficina era investigar de que maneira as brincadeiras e músicas tradicionais infantis podem estabelecer uma relação com o ensino do teatro. Houveram também os objetivos específicos que eram trabalhar com o lúdico, músicas da tradição popular infantil, sons e objetos; promover experiências de encenação, na qual a dramaturgia é elaborada a partir das brincadeiras, contos, brinquedos e canções populares; estimular o raciocínio e a imaginação, e permitir que a criança explore diferentes comportamentos, situações, capacidades e limites; estimular a criatividade e contribuir para formação de personagens e imagens capazes de representar o que foi proposto.

A Escola Municipal da Engomadeira está situada na região do Cabula, mais precisamente no bairro da Engomadeira, considerada região periférica de Salvador. Recentemente, a escola foi reformada e a área externa possui um espaço para as crianças correrem e brincarem. Possui nove salas, na parte superior e inferior, banheiro para professores e alunos. Inclusive, há banheiro dentro da sala das turmas de educação infantil, rampas de acessibilidade, sala de leitura, cozinha, sala de professores e sala de depósito.

Como experimentação da disciplina Prática de Estágio em Pedagogia do Teatro III, realizei uma oficina, nessa escola, no período de 9 de abril até o dia 18 de junho de 2019, nos seguintes dias: terças e sextas-feiras e no horário de 14 às 17 horas. Pensei primeiramente em realizar a oficina com crianças menores, de segundo ano, mas a coordenadora relatou algumas dificuldades com relação ao compromisso dos pais em levar as crianças para uma atividade extra. Decidi, a partir do empecilho, trabalhar com outra turma mais independente dos pais.

O trabalho foi desenvolvido com alunos da turma do terceiro ano do ensino fundamental, no qual foram estimulados os valores afetivos, inserindo-os nas contações de histórias da cultura brasileira, cultura indígena, afro-brasileira e brincadeiras tradicionais da infância, em seguida houve a produção da peça teatral Raízes da infância de minha autoria (apêndice B), na qual foi apresentado para a escola e para público em geral no Teatro Martins Gonçalves como finalização do estágio. Diante disto, escolhi como objeto de pesquisa monográfica, as brincadeiras tradicionais infantis desenvolvidas nessa experiência. Procurei investigar em que medida as brincadeiras e músicas tradicionais infantis poderiam estabelecer uma relação com o ensino do teatro.

## 4.3 O PROCESSO

Ao começar o semestre de 2019.1, busquei o contato da coordenadora da Escola Municipal da Engomadeira e ao mesmo tempo comecei a realizar o projeto da oficina. Com o decorrer dos encontros da disciplina de Estágio 3, tive tempo de me aprofundar em estudos sobre a criança e as brincadeiras, para acrescentar mais ao meu projeto.

Houve no início do processo de estágio um atraso em relação a uma autorização por parte da UFBA para que pudéssemos iniciar as atividades na escola. Enquanto não tinha a autorização, realizei nesse período inscrições para alunos das turmas de terceiro ano e relatei que seriam escolhidos os 10 primeiros participantes, pois estava com receio de superlotação. Fui autorizada a dar aulas de teatro na escola e para minha surpresa no primeiro dia houve exatamente 10 alunos/as inscritos/as.

Sobre os planos de aulas, procurei iniciar nossa oficina com atividades de pintar, desenhos, aulas mais “teóricas”. Levava imagens, vídeos, fotos, buscava conversar, tirar dúvidas, relatar os comportamentos habituais que envolvem o teatro e o fazer teatral, como o público geralmente se comporta, como os atores e atrizes se concentram. Os assuntos eram interligados e isso foi um tanto prejudicial para alguns que faltaram, mas nada que atrapalhasse o processo. As aulas teóricas eram mescladas, com isso buscava praticar jogos, brincadeiras, cantar canções. Depois das primeiras aulas mesclando teoria e prática, brincávamos muito, aprendíamos brincadeiras, levávamos brincadeiras, jogos teatrais, tudo era compartilhado e vivenciado por todos.

Realizei a criação do nome *Raízes da infância* com intuito de dar um significado ao tema da infância, já que iria trabalhar com brincadeiras, jogos e músicas tradicionais infantis.

Inicialmente fui encaminhada para a sala de leitura, mas com algum tempo dando aulas às terças e sextas feiras, fui informada que em alguns determinados dias as aulas deveriam ser em uma sala menor, pois algumas professoras não abririam mão da sala de leitura. Contudo o trabalho não foi de forma alguma atrapalhado.

Os alunos, no primeiro encontro, estavam um pouco agitados, por conta disso tive que interromper e ficar um pouco mais séria. Na primeira aula decidi iniciar com uma roda de conversas, na qual eles poderiam falar um pouco deles, nome, idade, se já teve contato com teatro, o que gosta de brincar. Depois me apresentei brevemente e relatei um pouco de minha pesquisa, numa linguagem menos formal e mais lúdica.

Em um determinado momento pedi para que eles analisassem algumas imagens e relatassem o que viam. Essa análise foi feita para os alunos entenderem de uma forma lúdica o que aconteceria nas aulas de teatro. Uma das imagens era uma contadora de histórias griô, negra, que estava num campo com árvores.

Rapidamente, um aluno disse que ela estava contando história e que ela era africana. Nesse momento fiquei muito surpresa com a espontaneidade do aluno. E ele continuou: “quando eu crescer eu vou pra África”, perguntei o porque e ele surpreendentemente disse “Porque é bom conhecermos nossas origens”. Notei que naquele aluno havia um potencial e decidi a partir daí fazer tanto ele quanto a turma refletirem sobre certos temas.

Depois de pintar e colar num cartaz as imagens levantamos e fizemos uma roda. Relatei a eles o objetivo da roda e como é importante fazer uma roda bem feita, para a energia circular melhor. Percebi que eles eram dispersos e a todo tempo saiam da roda e não conseguiam ficar parados. Ensinei improvisadamente a base neutra, ou como muitos gostam de chamar primeira posição.

Depois de deixa-los mais concentrados a primeira atividade que apresentei, foi o exercício do “Rôpe”<sup>27</sup>, que tinha como objetivo o estímulo do foco, da concentração e agilidade. Todos gostaram do exercício, mas no começo tive que parar algumas vezes para falar as regras do jogo, pois, em alguns momentos, eles se empolgavam e ficavam mais desatentos, com relação a dinâmica.

Nesse dia, também resolvi iniciar algumas cantigas de roda e representar corporalmente as brincadeiras cantadas. Os alunos ficaram contentes e buscavam me ensinar as cantigas que eles sabiam. Como minha pesquisa envolve a autonomia da criança, buscava ouvir e aprender com eles o que tinham para me mostrar.

Realizava nas aulas os jogos de imaginação e “faz-de-conta”. Juntamente a isso, utilizei o sensorial (olfato, audição, tato), propus os exercícios com intuito de instigar a imaginação dos discentes. O principal motivo de abordar esses jogos foi fazer com que houvesse o desbloqueio da criatividade dos alunos. É recorrente a percepção de um padrão de ensino, no qual os alunos não possuem autonomia de criação, tal fator pode desencadear uma aprendizagem fragmentada. A criatividade foi uma ferramenta fundamental para a construção de um processo único, colaborativo e autônomo.

Durante o processo alguns estudantes foram saindo e outros permaneceram. As saídas repentinas me fizeram ficar em alguns momentos muito frustrada. Pensava que não estava realizando o papel de professora direito, que estava pensando mais no produto do que no processo. Resolvi em determinados momentos conversar com os alunos e pedir a opinião deles sobre as aulas, para entender os problemas e tentar resolvê-los.

---

<sup>27</sup> Jogo focado na transferência de energia e contato visual que utiliza voz e gestos. Em roda, ou espalhados pelo espaço os jogadores devem olhar uns para os outros. Ao utilizar a palavra “Rôpe”, em seguida de um gesto, a energia entre os alunos é passada. Nesse jogo os alunos devem estar bem concentrados e atentos.

Ao conversar com eles percebi que o problema não era a aula. Os alunos mais participativos me informaram que os alunos que estavam faltando, não eram comprometidos, que em um momento um deles brigaram na saída da escola e decidiram não ir mais as aulas. Uma menina informou a uma professora que eu a tinha expulsado das aulas. No entanto, não foi verdade. O que tinha relatado para eles foi que os alunos pudessem evitar faltar, pois o processo em sala era muito importante e todas as aulas eram únicas e que elas também não poderiam ser feitas novamente.

Em uma de minhas aulas resolvi convidar um amigo, que realizou um espetáculo de contação de histórias que eram, em sua maioria histórias negras, contos africanos, fábulas. A escolha desse convidado foi muito importante para os alunos se reconhecerem, reconhecerem as diferenças e se descobrirem seres potentes. Dudu Oliveira é negro e na época, egresso do curso de Direção Teatral, da Escola de Teatro da UFBA e leu para as crianças *Aguemon: O conto da criação do mundo em Yorubá* (2002)

A lei 11.645/2008 inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”. Senti-me na obrigação de trabalhar com esse tema, não somente porque a lei exige, mas também porque percebi que os alunos e alunas são majoritariamente negros e negras, e possuem pouca representatividade, mesmo que a escola, na qual foi realizada o estágio, trabalha-se com a cultura afro-brasileira e indígena. Temas como esse são pouco trabalhados fora da escola. Na televisão, nos *outdoors*, nos esportes, observamos mais pessoas brancas, do que negras.

As histórias, contos e cantigas que levei tiveram como objetivo fazer com que as crianças se sentissem representadas, que de uma certa forma elas se vissem naquele universo encantado, seja criando o mundo, cantando e dançando músicas. Tentei iluminar nas crianças algo que as pertencia, tocando em sua memória sensorial e afetiva.

No dia da visita, combinei com a direção que um convidado iria contar uma história para as crianças. Relatei também, na aula anterior com as crianças, que viria um convidado especial para contar uma história. Estávamos numa roda de conversa, quando foi anunciado que o convidado tinha chegado. As crianças ficaram ansiosas para conhecer o contador. Ao entrar na sala, percebi, no rosto das crianças, um espanto, pois não tinha mencionado a elas que Dudu não possuía as pernas.

Percebendo que as crianças estavam retraídas, fiz uma roda de conversa para quebrar o clima de tensão, fazendo Dudu contar um pouco sua trajetória e fazendo as crianças se aproximarem mais dele, realizando questionamentos. Em seguida, quando todos estavam mais tranquilos, liberei-os para o intervalo.

Imagem 3 – Conversa com Dudu Oliveira



Fonte: Acervo pessoal

Na volta, como as crianças estavam bastante agitadas, resolvi fazer um exercício de relaxamento, que tinha como objetivo deixar as crianças mais calmas e concentradas. Esse relaxamento acontecia da seguinte maneira: cada criança escolhia uma parte da sala, deitava e, a partir de comandos, elas poderiam viajar para outros lugares, visitar um amigo, brincar, somente utilizando a imaginação. Nos momentos de relaxamento, algumas crianças conseguiam acompanhar os comandos e permaneciam muito concentradas.

Depois de relaxadas, pedi para que elas formassem uma roda para darmos início ao conto. O livro conta a história de Oniomon, uma criança travessa, que com astúcia e a ajuda de Agumon, o camaleão, cria o mundo. A história foi lida e relida para as crianças e, em seguida, contada por elas. Havia um potencial cênico na história e por isso em algumas aulas pedia para as crianças realizarem uma dinâmica de contar a história de Agumon.

Percebi que, na volta do intervalo, os alunos sempre estavam muito agitados e desfocados. Percebendo esse comportamento e testando dinâmicas e jogos, decidi que, sempre depois do intervalo, seria feito um momento de relaxamento. Esse momento era um momento único, no qual os alunos tinham que fechar os olhos, sentir o chão, escutar sons que eu colocava na caixa de som e também escutar meus direcionamentos.



Baseada em meus estudos, tive de criar uma estratégia, que fizesse com que as crianças de alguma forma tivessem esse contato, visto que, escola possuía somente duas árvores e os alunos não possuíam contato com a natureza. Relataram-me que nunca foram ao Parque da Cidade, que não vão à praia e que também nunca fizeram piquenique na natureza. Por isso, decidi realizar um contato imaginativo com a natureza. Com a imaginação, os alunos eram levados para grandes montanhas, florestas, parques floridos, para o fundo do mar e lá se divertiam, brincando e percebendo cores, sons.

Acontecia da seguinte maneira: cada aluno escolhia um lugar da sala para deitar, depois fechavam os olhos, respiravam. Em seguida pedia para utilizarem a imaginação para viajarem, conhecerem outros lugares, além brincar e fazer novas amizades. Ao fim da atividade pedia para eles me contarem como foi, do que brincaram, com quem se encontraram. Esse processo de criação e experimentação foi uma forma que encontrei de fazer com que os alunos além de relaxarem ainda pudessem brincar com a imaginação.

Imagem 4 - Relaxamento, direcionamento e imaginação



Fonte: Acervo pessoal

Como todo processo desconhecido, os alunos não se concentravam muito bem. Poucos fechavam os olhos e alguns ainda se comunicavam durante o processo de relaxamento. Aos poucos, com decorrer das aulas, fui falando como deveriam se comportar, que deveriam respirar de uma maneira para perceber o corpo, deitar de uma maneira para relaxar melhor, fechar o olho para se concentrar, evitar conversar para não atrapalhar o relaxamento do colega, escutar tudo que era direcionado e, principalmente, não cochilar durante o processo, pois em atividades sensoriais era importantes estarmos relaxados, mas concentrado nos direcionamentos.

Nas finalizações dos momentos de relaxamento os alunos ficavam mais calmos. Decidi fazer ao término desses momentos uma roda de conversa. Nesses momentos, perguntava aos mesmos como tinha sido a experiência, como eram as sensações, as cores que eles viam, com quem brincavam, qual cheiro sentiam.

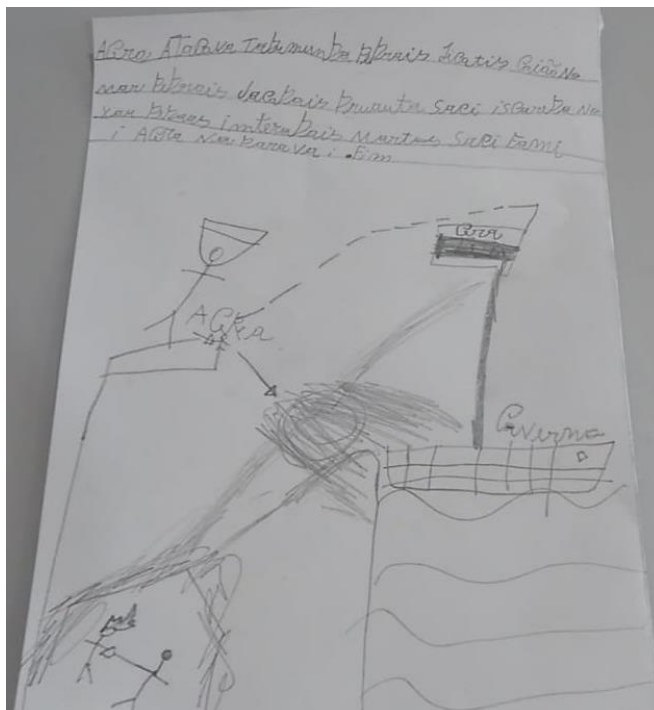
Houve uma aula, na qual decidi realizar uma experiência em que os alunos pudessem compor uma cena. Ao entrarem, pedi para que eles se concentrassem e que fizessem uma história, inventada, ou que realmente aconteceu, expondo as brincadeiras, que brincavam na rua, em casa. relatei que deveria ser uma história curta, que não poderia haver violência e nenhum tipo de xingamento.

Percebi que os alunos não possuem um domínio da escrita e por isso foram ao decorrer do processo realizadas algumas atividades, com intuito de fazer com que os alunos escrevessem um pouco mais e tivessem mais domínio da escrita. Apesar da falta de domínio, foram realizados bons textos. Ao fim da atividade escrita, pedi para que compusessem uma cena do que tinham feito. As brincadeiras que foram dramatizadas foram amarelinha, pipa, pião, pega-pega, entre outras.

Numa dessas aulas, pedindo para que imaginassem e relaxassem, resolvi colocar como tema da aula a cultura indígena e a natureza. Em uma aula pude mostrar coisa simples, mas não consegui mostrar o quão rica e importante é a cultura indígena. Tentei desmistificar a ideia que elas tinham sobre os povos indígenas, conversando e mostrando fotos de indígenas em cargos políticos, nas universidades, vídeos de indígenas utilizando “roupas comuns”, alguns com adereços, utilizando pinturas corporais e sem pinturas ou adereços.

Pedi para que fosse feita uma história e em seguida pedi para eles desenharem um pouco sobre os vídeos e as imagens que viram. Muitas histórias me encantaram: uma delas falava sobre um periquito que se transformou num índio e foi brincar com seus amigos, a outra se referia a uma indiazinha que não tinha amigos e acabou achando-os. No entanto, para minha surpresa, havia um aluno diferenciado, que tinha pensamentos muito avançados para a idade dele. A história dele falava de uma guerra, que havia sangue e luta. Havia um grande barco, que interpretei como colonizadores, um detalhe importante a tratar foi, que não havíamos discutido em momento algum, sobre invasão portuguesa, colonização ou demarcação de terra. Ele escreveu um pouco acima do barco “governo”. Quando perguntei o porque, o aluno relatou que o governo queria tomar as terras indígenas e que matavam os índios, por isso a guerra e o sangue.

Imagem 4 – Desenho da guerra, de Matheus Durval (9 anos)



Fonte: Acervo pessoal

As crianças visitaram imaginariamente a Amazônia, onde não havia poluição, nem animais extintos, somente árvores, grandes e belas. Eles analisaram, pegaram em sua casca grossa e a árvore começou a entrar em contato com eles. Ao mesmo tempo em que direcionava os estudantes a manter contato com ela, também coloquei um áudio, que contava a história da lenda do Jurutaí. Disse a eles que a grande árvore presenciou muitas coisas e queria contar uma história.

A lenda do Jurutaí relata sobre um pássaro que se apaixonou pela lua, mas que não poderia se relacionar com ela, posto que a mesma já estava casada com o sol. O lindo pássaro ficou triste e emudeceu o seu canto. Os índios vendo todo o sofrimento do pássaro construíram uma grande fogueira, fizeram uma grande festa e cantaram para o pássaro. Vendo que muitos gostavam dele o pássaro voltou a cantar e aceitou seu destino longe da lua.

Ao se levantarem, as crianças disseram, na roda de conversa, que a história era bem emocionante e sentiram vontade de chorar. Coloquei em seguida dois curtas metragens que relatam um pouco da cultura indígena. *Caminhos dos gigantes* (2016) e *Kalapallo* (2017).

*Caminhos dos gigantes*, conta a história de Oquirá e seu entendimento sobre o mundo e o ciclo da vida, a visualidade e a poesia do curta é o que o torna mais interessante. *Kalapallo* é uma animação feita por crianças, relatando as curiosidades e costumes da nação *Kalapallo*.

Os alunos recontaram a história do Jurutaí e pedi para que eles escolhessem os personagens que iriam apresentar. No momento alguns brigaram por conta dos personagens, então decidi fazer um sorteio. O resultado dos personagens, para alguns não foi satisfatório, mas conversei e disse que no teatro era importante passarmos por diversos personagens, que não importava qual personagem fazer, mas era importante entender e contar a historia de uma forma que o público pudesse entender. Feito isso, os alunos se concentraram e fizeram uma bela dramatização improvisada da lenda do Jurutaí, sendo direcionadas por minha contação.

Imagem 5 – Dramatização improvisada: “A lenda do Jurutaí”



Fonte: Acervo Pessoal

Previa-se, de acordo com o projeto, uma criação coletiva, na qual durante os processos, as cenas eram mescladas, costuradas e a partir daí surgiria um único produto. Preferi não seguir o plano, pois tive um momento criativo, no qual criei uma dramaturgia própria, com personagens de histórias que eram lidas em sala e personagens do imaginário infantil e popular.

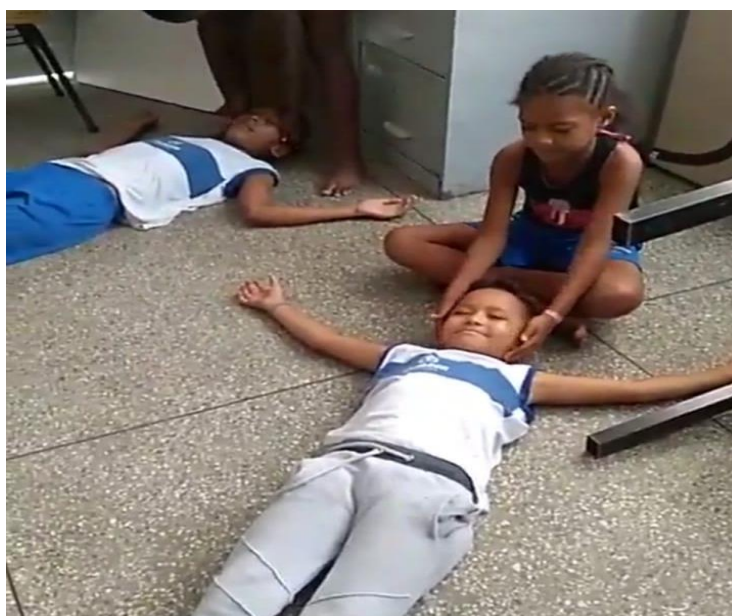
No decorrer do processo, os temas, jogos, histórias, ensinamentos e brincadeiras dos planos de aula eram pensados para serem acoplados na dramaturgia. Decidi colocar como título da oficina, o nome de Raízes da infância, pois o tema principal era infância e enaltecimento de nossa ancestralidade brincante. Fiz o mesmo com o título da cena, já que era um produto de um processo colaborativo.

A história se iniciava com a criação do mundo, segundo o mito Yorubá de Aguemon. Em seguida, eram criadas as crianças, e elas, a partir do momento que nasciam, brincavam. Se deparavam com a morte e a enganavam, brincavam na mata e iam para o mar encontrar a mãe dos peixes. Tudo isso, no fim, resultou numa linda apresentação com a mensagem de que a pureza de uma criança deve estar em nossos corações.

Assim que o texto dramático foi realizado, separei um dia para lermos a história. Depois de ler e reler o texto, distribuí papéis que possuíam quadrinhos, no qual os alunos desenhariam alguma cena. Poderia ser a primeira, segunda ou terceira, que eram as cenas que eles tinham fixado melhor. No momento depois do intervalo, eles voltaram agitados e precisei fazer a dinâmica de relaxamento novamente. Pedi para que eles se transformassem em bebês e fossem diminuindo e voltando para a barriga da mãe e recebessem todo o carinho que ela poderia dar. Aos poucos fui aplicando massagens e tocando suavemente nas mãos, troncos, cabeça, rostos. Acordei os mais concentrados e pedi para eu fosse feito o mesmo tipo de massagem suave nos outros colegas.

Essa massagem foi feita com o objetivo de melhorar a relação dos alunos e despertar neles o afeto e empatia. Suavemente, alguns foram deitando e outros iam realizando a massagem. Quando percebia que alguém se desconcentrava, pedia para que levasse aquela atividade a sério, que era importante a concentração para o relaxamento. Foi para mim uma aula muito importante, pois, além de relaxar, os alunos respeitavam o corpo do outro.

Imagem 6 – Massagem pessoal e relaxamento



Fonte: Acervo pessoal

### 4.3 O RESULTADO

No começo do mês de maio comecei a dedicar minhas aulas a ensaios e a formação de personagens. Houve um pouco de dificuldade, por parte de alguns alunos, em ler e decorar as falas. Percebendo as dificuldades, em todas as aulas subsequentes, eu realizava a leitura da peça e pedia para um aluno contar o que lembrava. Aos poucos, eles foram dando mais importância à história e não à fala dos personagens.

Confesso que apliquei muitas aulas voltadas aos ensaios, pois o Estágio III tem como meta a obrigatoriedade de haver um produto cênico. Além disso, seria a única vez no Curso de Teatro que a turma de Licenciatura poderia usufruir do Teatro Martins Gonçalves sem muita burocracia. Por isso, me senti na obrigação de dar o meu melhor.

Por conta dos ensaios, tanto eu quanto os estudantes, sentimos falta das brincadeiras e músicas. Isso foi desgastante para ambos os lados. Percebendo o comportamento de alguns alunos e a falta de interesse nos ensaios, decidi fazer uma roda, na qual os alunos falavam no que poderia melhorar, quais brincadeiras poderiam levar mais sério e também do que sentiam falta em nossos momentos. Para minha surpresa, os alunos disseram que sentiam falta de brincar e correr. Na hora do intervalo, deixei eles brincando bem mais tempo. Ao voltarem para a sala, mesmo agitados, o ensaio foi diferente. No ensaio, os alunos fizeram melhor e com mais vontade. Vendo eles em cena, percebi o quão importante foi destinar um tempo para eles poderem brincar.

No texto, as falas são importantes, mas se as crianças soubessem as histórias e as ações que aconteciam teria uma melhor memorização das falas. Aos poucos, com os ensaios, as crianças obtiveram mais propriedade e confiança em si para atuar. Elas contavam as histórias e gravavam todas as falas. Observá-las em cena, na sala, sem o público, foi algo único. Por não haver a plateia algumas se desconcentravam, mas reiniciavam a cena com meu comando. Em um momento, no entanto, comecei a perceber que elas começavam a se irritar umas com as outras, se criticavam e se agrediam. A partir daí decidi conversar com os estudantes sobre a importância de se autoavaliar. As críticas são necessárias, mas não cabia esse tipo de comportamento agressivo durante os ensaios da cena. Todos pareceram estar cientes de nossa conversa e percebi que os alunos estavam se ajudando mais. Uma criança teve muita dificuldade de gravar falas simples e curtas. Em um determinado momento os alunos iam se ajudando, lembrando uns aos outros falas e movimentações. Essa atitude foi surpreendente e relatei para eles a importância que temos, quando estamos em cena, de ajudamos nossos amigos.

Convidei Dudu Oliveira para ser nosso sonoplasta e tanto as crianças como ele ficaram muito empolgados tanto com o convite quanto com a participação dele. Um dia antes da apresentação na escola, Dudu nos visitou e achou incrível e potente nossa cena. Fomos improvisando os sons, tocando instrumentos e cantando durante o ensaio.

No dia da apresentação na escola, estávamos todos muito nervosos. Todas as turmas da tarde foram assistir os alunos. Ao ver a quantidades de pessoas os alunos ficaram com muita vergonha e medo, nem os adereços cênicos eles utilizaram. Falaram muito baixo e esqueciam as falas, mas fizeram toda a cena. No fim da apresentação disse eles poderiam se divertir mais, que se divertindo eles não iriam notar a plateia e iriam fazer um melhor trabalho. Dudu também expôs suas opiniões e falou dicas para terminar com o nervosismo e dicas de respiração para falarem mais alto.

Imagem 6 – Apresentação na Escola Municipal da Engomadeira



Fonte: Alexandre Ferreira

Na sala, refizemos a cena e eles realmente sabiam o que melhorar. Confiei plenamente nas crianças, em Dudu e no meu trabalho. Sabia que, no teatro, seria diferente.

No dia da apresentação, foi enviada outra autorização lembrando sobre o dia, a hora e como seria nossa saída. No horário de 07:30h, os alunos e alunas deveriam estar na escola para colocar a maquiagem, vestir o figurino e tomar um café da manhã. Foi combinado que o

motorista do transporte estaria lá para levar os alunos ao Teatro Martins Gonsalves às 8:00h. No transporte, estava Dudu Oliveira, a professora Gladys Brito, quatro responsáveis pelas crianças e eu. A saída aconteceu sem imprevistos e chegamos ao teatro no horário.

Chegando no teatro, levamos os meninos para conhecerem o palco e eles ficaram um pouco apreensivos. Juntamente com Dudu tentei acalmá-los e relatei que era para eles darem o melhor deles, que eles não precisavam ter vergonha, pois não enxergariam a plateia. Mais calmos, os alunos conversaram entre si, e começaram a se descontraír. Realizei antes de começar um pequeno aquecimento vocal e sempre lembrando a eles para projetar a voz.

A apresentação foi um sucesso, os alunos se ajudaram e entraram em sintonia. A sonoplastia foi simples e bem feita. Houve um momento em que uma deixa foi dita errada e os alunos mudaram a ordem do texto, mas nada que prejudicou o processo.

Imagem 7 – Em cena, no Teatro Martins Gonçalves



Fonte: Alexandra Dumas



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão é um acúmulo de experiências, estudo e pesquisa sobre a cultura da infância e de como me vejo e vejo o outro. Trato do tema infância, que para mim, é extremamente importante; a esse tema deve ser dado o devido valor, principalmente a quem se dedica nos estudos e pesquisas que abordam a infância. Neste trabalho, relato as minhas experiências e meus estudos com relação às brincadeiras tradicionais e à própria cultura da infância.

O tema a que me dediquei abrange muitas discussões e reflexões quase impossíveis de serem faladas todas de uma só vez. Nesse tempo de tecnologias e pandemia, pude realizar diversas observações acerca da vida e de como a infância está sendo tratada. Abraçada por uns e desprezada por outros, a cultura da infância é própria e se origina da criança.

No início de meu ciclo acadêmico, decidi estudá-la, pois é o que me faz bem, é o que me faz completa. Ao estudar, me sinto mais leve e tranquila. As pesquisas, os estágios, os documentários, os livros, me fizeram reconhecer um ser potente que se preocupa com o futuro da humanidade e principalmente da natureza.

Realizei em 2018 a disciplina de Prática de Estágio em Pedagogia de Teatro III, ou simplesmente Estágio III. Essa disciplina, foi uma das que me deu uma certa liberdade de realizar a minha própria metodologia. Nessa experiência pude realizar novas descobertas, o que dava certo, o que não dava, o que eu teria que adaptar e fui seguindo esse fluxo e terminei por me reinventar.

Durante a oficina, os primeiros momentos foram tranquilos. Com o tempo, pude perceber que os alunos puderam ter mais confiança e respeito por mim. As brincadeiras, conversas e debates que tínhamos foram muito enriquecedoras e espero ter deixado uma memória boa de nosso processo com eles.

Em minhas reflexões, tentei responder a meus questionamentos, e um deles era qual relação que a cultura da infância e músicas tradicionais tinha com o teatro, ou seja, de que forma eles poderiam se complementar.

Considero que o teatro é uma arte na qual o indivíduo pode ser livre, mostrando para os outros seus pensamentos, seus sentimentos, inquietações, suas angústias de forma apreciativa, dançando, cantando e se movimentando. Assim como o teatro a cultura da infância é a liberdade do ser humano ainda novo, essa cultura possibilita com que a criança crie e reinvente suas próprias brincadeiras e jogos, suas músicas, seus brinquedos e suas movimentações.

Ao aprofundar meus estudos descobri que a cultura da criança é algo natural, que já nasce e permanece enquanto o ser humano é novo. Eu teria que criar uma metodologia em que o teatro e a cultura da infância se completassem.

No decorrer de meu projeto, propus trabalhar com a ludicidade: músicas tradicionais infantis, sons e objetos, experiências com encenação, em que a dramaturgia era elaborada sobre as próprias brincadeiras, jogos, contos e brinquedos; também estimulava a agilidade, a criatividade, o raciocínio e a imaginação, por fim, também busquei estimular a criação de personagens e imagens capazes de representar o que foi proposto.

Ocorreram durante o processo muitas descobertas e acúmulo de experiências. Com as observações que fiz durante todo esse tempo de graduação na UFBA, pude aperfeiçoar técnicas metodológicas, que me fizeram entender melhor os alunos e que me fizeram escutar e compreender melhor.

Na experiência em sala, aprendi muito com os alunos. Os planejamentos e avaliações que realizei foram importantes tanto para a minha quanto para a formação deles em termos artísticos e sociais.

Alguns dos jogos que levei possibilitaram a agitação de alguns alunos e fizeram com que a turma toda perdesse o foco da aula e, por conta disso, em muitos momentos houve dificuldades em realizar novos jogos, mas não tivemos nenhum prejuízo.

Ter uma oficina de teatro na escola faz com que as possibilidades para um novo mundo se abra. As leituras de mundo e vivência dos alunos são de muita riqueza e de muitos aprendizados. Em minhas aulas, sempre busquei melhorar as táticas de jogos, histórias e brincadeiras para fazer com que os alunos pudessem crescer, levando para sua vida conhecimento, valores sociais e éticos, que neste caso foram adquiridos através da convivência e o afeto em grupo que a arte pode proporcionar.

Finalizo o meu trabalho com muito amor, esperança e vontade de mudar. Senti que toda a minha trajetória como brincante e pesquisadora ainda não chegou ao fim, e esse trabalho vai ser o primeiro de muitos que irei realizar, fazendo o que eu gosto, trabalhando com o que amo, que são as crianças, pois é nelas que vejo a esperança para dias melhores. Nossas crianças são o nosso futuro. Espero que esse desejo de mudança e que essa chama e a fé nunca se apaguem. Rumo ao nosso futuro.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Jussara de. Classificação dos brinquedos. **Brasil Escola**, [s.d.]. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/sugestoes-pais-professores/classificacao-dos-brinquedos.htm>. Acesso em: 07 jul. 2020.
- BASTOS, Tiago; TORRECILAS, Flavio; DIAS, Viviane. Uma análise de concepções sobre a criança e a inserção da infância no consumismo. **Psicologia, Ciência e Profissão**, n. 33, v. 2, p. 474-489. 2013.
- BERTONI, Vera Lúcia. **Brincadeira e conhecimento: do faz-de-conta a representação teatral**. Porto Alegre: Editora Meditação, 2004.
- BRINCADEIRAS TRADICIONAIS Infantis e o seu Papel na Formação da Cidadania. **Portal Educação**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/43onteúdo/artigos/pedagogia/brincadeiras-tradicionais-infantis-e-o-seu-papel-na-formacao-da-cidadania/25518>. Acesso em: 19 fev. 2020
- CHACRA, Sandra. **Natureza e sentido da improvisação teatral**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1991.
- COTONHOTO, Larissy Alves; ROSSETTI, Claudia Broetto ; MISSAWA, Daniela Dadalto Ambrozine. **A importância do jogo e da brincadeira na prática pedagógica**. São Paulo, **Constr. Psicopedag.**, v.27, n. 28, [S.I.]. 2019.
- DOURADO, Paulo; MILET, Maria Eugênia. **Manual de Criatividades**. Salvador: EGBA, 1998
- GOMES, Izabele. Dia das crianças... A alegria dos capitalistas. **A Verdade**, Campina Grande, 11 out. 2021. Disponível em: <https://averdade.org.br/2012/10/dia-das-criancas-alegria-dos-capitalistas/>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- HORTÉLIO, Lydia. Criança, natureza e cultura infantil. **Tema Livre**. Bahia, p. 3-3. Jul. 2002.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LYDIA HORTÉLIO e a brincadeira musicada: Brincar é o último reduto de espontaneidade que a humanidade tem. **Tear Potão de Cultura e Educação**. Disponível em: <http://institutotear.org.br/lydia-hortelio-e-a-brincadeira-musicada/>. Acesso em: 23 abr. 2019.
- MICHAELIS. **Dicionário Brasileira da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2021.
- MIRANDA, Simão De. **Do fascínio do jogo à alegria do aprender**. Campinas: Papiros, 2001.
- MITÃ: Criança Brasileira. Direção: MATTOS, Lia; BARROS, Alexandre. Produção: Espaço Imaginário 1. Campo Grande. [S.I.], 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xiUbI17eNfE>. Acesso em: 30 abr. 2021.

OCUPAÇÃO LYDIA Hortélio e as singelezas da infância. **Alana**, [s.d.]. Disponível em: <https://alana.org.br/ocupacao-lydia-hortelio-um-resgate-das-singelezas-da-infancia/>. Acesso em: 02 nov. 2020.

PIAGET, Jean. **A noção de tempo na criança**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946.  
SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Atividade simbólica na infância e abordagens do teatro no meio escolar: Convergências e incompatibilidades**. 2009. 08 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes Cênicas, Unirio, Rio de Janeiro, 2009.

SARMENTO, Manuel. Imaginário e Culturas da Infância. **Cadernos de Educação**, n. 21, [S.I.], [S.I.]. [s.d.]. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1467>. Acesso em: 15 mar. 2020.

TOMICH, Ana Luiza Lemos. **Lydia Hortélio, Uma menina do sertão**: Educação musical na cultura da criança. 2016. 133 f. Tese (Doutorado) – Curso de Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

WAMSER, Angelita de Cássia F. Reaproveitamento de materiais na construção de brinquedos pedagógicos. **Revista do Professor**, Rio Pardo, n. 84. p11. out./dez. 2005.

PENA, Rodolfo F. Alves. **"O que é Capitalismo?"**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-capitalismo.htm>. Acesso em 04 mai de 2021.

## ANEXO A

**Apresentação Raízes da Infância*****Parte 1***

*Luz acende com furos no chão. Há crianças no palco representando estrelas no espaço. Um menino brinca entre elas mas se sente sozinho.*

**Oniomon:** Papai! Olhe como já estou crescendo, o que o senhor acha de me dar de presente um pouco de terra num saco, uma galinha da angola/conquém e uma lança?

*Entra a galinha da angola, com um saco com terra e uma lança. Enquanto a galinha entra as estrelas escolhem um canto para sentarem.*

**Oniomon:** Olorum modupé Papai. Agora o que eu vou fazer com vocês... (Pensando). Tive uma ideia!

*Oniomon joga a terra no palco e joga em cima a galinha da angola ela cisca por todo o palco (Galinha da angola se junta as crianças no canto do palco)*

**Oniomon:** Olha só que maravilha, posso agora pisar no chão. (Admirado)

*O menino olha o saco e encontra sementes*

**Oniomon:** O que será que posso fazer com isso? Talvez ... (Joga as sementes no chão)

**Oniomon:** O saco está meio molhado! (Admirado, molha onde jogou as sementes).

*Começam a crescer as arvores e o menino olha admirado.*

**Oniomon:** Vejam só que poça enorme. (Intuitivamente pega a lança e cria os rios).

**Oniomon:** Nunca pensei em criar algo tão belo! (Respira fundo e deita no chão)

*Entra Agumon, o camaleão.*

**Agumon:** Olhe só papai ficará contente depois de ver quanta coisa o menino criou! (Olha para oniomon e percebe que está só) Mas parece tão solitário! Vou resolver isso já! (Agumon sai de perto do garoto e rapidamente conversa com Olodumaré)

**Agumon:** Papai olhe só quantas coisas belas o seu filho criou! (Admirado) Estou achando ele só. Ele precisa de companhia, o que acha de colocar um segredo em minha língua?

*Agumon vai para perto do garoto e sopra para um lado e vários pássaros cantam e soprou para o outro e alguns insetos também cantam.*

*Oniomon começa a acordar a olha admirado para os pássaros e insetos. Olha para o lado e se espanta.*

**Oniomon:** Quem é você?

**Aguemon:** Seu irmão, Aguemon!

**Oniomon:** Você! Meu irmão? (Duvidando)

**Aguemon:** Quem você acha que tem poder de me mandar para cá?

**Oniomon:** Papai! (Fala para dentro quase susurrando). Nossa que felicidade de te ter aqui meu irmão! (Abraça Aguemon)

**Aguemon:** Que bom que está feliz, mas vou ter que dar uma saidinha. Tenho que ir ali resolver umas coisinhas no espaço.

**Oniomon:** Mas já! Nem vai tomar um banho de rio comigo? (Triste)

**Aguemon:** Desculpe tenho algumas tarefas.

*Se abraçam e Aguemon sai.*

**Oniomon:** Poxa, não tem nada pra fazer. O canto dos pássaros é lindo, olhe só as borboletas (Pausa) Tão coloridas! Mas continuo sozinho.

*Aguemon fica em frente a uma luz e fala para ela. Enquanto isso as crianças entram e ficam agachadas em alguns lugares diferentes*

**Aguemon:** Papai, os pássaros e insetos que você enviou não adiantou. Oniomon continua triste. Coloque só mais um segredo em minha boca que sopro no ouvido dele.

*Aguemon chega perto do menino e sopra. Ele se esconde e vê o menino acordar aos poucos. Oniomon acorda feliz.*

**Oniomom:** Nossa eu nunca tive isso antes. Quando fechei os olhos vi em minha frente o vale de lama e ela se mexia tão engraçado parecia ate que estavam tomando uma forma humana.

*Aguemon entra*

**Aguemon:** O que você teve foi um sonho!

**Oniomon:** Aguemon! (Surpreso), que saudade de você. Vamos brincar no vale de lama?

**Aguemon:** Vamos sim, mas não posso demorar!

*As crianças que estão agachadas vão tomando uma forma humana e cantam a musica de nanã. Oniomon e Aguemon vão dando formas para elas.*

**Oniomon:** Nossa olha só que divertido. Quantas crianças como eu!

**Aguemon:** Porquê vocês não vão brincar?

**Oniomon:** Brincar! Boa ideia meu irmão. E em sua homenagem a brincadeira vai ser essa... (Ensina as crianças a cantarem a musica do 'Camaleão')

## ***Parte 2***

*Crianças brincam no palco: Esconde, esconde; Ciranda, musica do alface; Rôpe.*

*Uma criança vai até alguma caixa e pega a mascara da morte.*

*A morte surge do nada durante a brincadeira das crianças.*

**Morte:** Ahaaaaaaa!

*Crianças olham curiosas*

**Morte:** Eu sou a morte e vim levar todas vocês!

*Todas as crianças caem no chão de tanto rir*

**Criança:** A morte!? Rarara... Que morte que nada! (Desdem)

**Morte:** Sou sim! Eu que levo todos comigo, quando eu quero!

**Criança:** Se você é a morte mesmo quero que prove.

**Morte:** Tudo bem!

**Criança:** Vivo, morto... (Brincam de vivo ou morto)

*A morte se cansa vai embora*

**Criança:** Viu! Quem brinca não morre (Olha para a pateia e todos riem)

**Criança:** Vamos brincar na mata?

**Todos:** Vamos!

**Criança:** Mas temos que pedir licença e cantar a musica, Tupinambá, interpretada por Luiza Rosa.

## ***Parte 3***

Foi Entrando na Mata Fechada

Que Encontrei Tupinambá

Que Encontrei Tupinambá

Que Encontrei Tupinambá

Suas Histórias Eu Ouvi

Foi Andando por Dentro de Mim

Que Encontrei Tupinambá  
 Que Encontrei Tupinambá  
 E essa História eu vou Contar

*Encontram as crianças de pele vermelha.*

**Oniomon:** Olhem só, amigos novos.

**Índios:** Olá, O que fazem aqui?

**Criança:** Só estamos fazendo uma expedição. Pra sentir a natureza e também procurando novos amigos.

**Índios:** As florestas são nossos bens mais preciosos, por favor não tirem nada dela sem por algo no lugar. Nada é retirado sem a permissão da mãe natureza.

**Criança:** Mãe natureza? E como ela é?

**Índios:** Ela pode ser de varias formas de vários tamanhos, ela esta em todos os lugares inclusive dentro de nós.

**Índio:** Por isso que quando você fere á ela esta ferindo a si mesmo!

**Oniomon:** Vocês querem brincar com a gente? Se quiserem, podem cantar uma música!

**Índios:** Eu tenho uma música! (Animado)

*Todos cantam:*

<sup>28</sup>PATCHO PARE ADJO DIRÊ

PATCHO PARE ADJO DIRÊ

IUERÊ NACAPÔ MATCHO DIRIRIRÊ

IUERÊ NACAPÔ MATCHO DIRIRIRÊ

DKE KE KE CORIRÁ RERÊ

DKE KE KE CORIRÁ RERÊ

GARAMUTUM CORIRÁRÊ

GARAMUTUM CORIRÁRÊ

**Oniomon:** Obrigado amigos. (Se abraçam)

---

<sup>28</sup> Aprendi essa musica no inicio do meu primeiro semestre da UFBA.



## ***Parte 4***

*Todos juntos em um só ponto e escutam o som do mar e se mexem como se fossem um barco navegando em uma leve correnteza.*

*Cantam todos a musica do 'Peixe vivo', 'Sereia'.*

*Uma menina se veste de sereia e fica no centro do palco.*

**Criança:** Olha lá. Quem será essa?

**Sereia do Mar:** Olá, sou a mãe dos peixes. Quem são vocês?

**Oniomon:** Olá senhorita, somos crianças e adoramos brincar, será que a senhora quer brincar com a gente?

**Sereia:** Eu adoraria, mas o que vamos fazer?

**Oniomon:** Você pode contar uma história ou cantar se quiser!

**Sereia:** “Minha jangada vai sair pro mar”

## ***Parte 5***

**Criança:** Como é bom ser criança!

**Oniomon:** Ser criança é bom sim, mas melhor ainda é ter a essência da criança em nossos corações!

**Criança:** Mantendo a maldade fora dele e cultivando sempre a alegria e a travessura.

*Fechamento com um trecho da musica <sup>29</sup>Tia Anastácia.*

---

<sup>29</sup> Música composta por Dorival Caymmi.